



## **O Olhar do Indivíduo em um Cenário Baseado em Princípios Impostos Enquanto Valor Estético. Considerações Espelhadas a Partir do Filme “Ensaio Sobre a Cegueira”<sup>1</sup>**

Renata Tavares BENIA<sup>2</sup>  
Valéria Cristina BONINI<sup>3</sup>  
Universidade Tiradentes (Unit), Aracaju, SE

### **RESUMO**

A percepção do mundo envolve princípios muito mais subjetivos do que qualquer outro ponto de significância que faça parte de um viés já pré-determinado ou imposto em uma sociedade repleta de conceitos. No entanto, tal sociedade (a depender do indivíduo enquanto ser passivo ou não), dita regras, que ora enaltecem, ora distorcem, tal como, alteram todo um processo de interpretação do que algo realmente sugere ser. Ou seja, o olhar acerca de relações pessoais, interpretações de conteúdo visual, bem como os padrões existentes, parte de uma premissa apoiada em valores estéticos presentes na sociedade, cuja percepção do olhar, por vezes, é pouco crítica a partir da falta de educação visual e ética. Nesse sentido, o estudo tem como proposta abordar a estética enquanto influência no olhar de uma sociedade a partir do filme “Ensaio Sobre a Cegueira”.

**PALAVRAS-CHAVE:** olhar; estética; padrões; sociedade; imagem.

### **INTRODUÇÃO**

A sociedade enquanto representação de indivíduos que possuem as mais distintas capacidades interpretativas, relacionais e persuasivas, é responsável pela difusão e portação de valores estéticos que se faz presente na contemporaneidade. Não obstante ao que diz respeito a si própria, outro fator propagador de tais valores, se explica em consequência dos avanços tecnológicos, e, sobretudo, a mídia. A partir destes é que a sociedade se torna ativa nesse processo, uma vez que reforça por meio dos modos e costumes novos princípios, sendo por meio da apreensão de informações, comunicação, e relação com os indivíduos no seu ambiente de convívio.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação no XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 7º (sétimo) período do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda; Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/Unit no Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias da Informação e Ciberultura, da Universidade Tiradentes; UNIT/SE; e-mail: [renatabenia@hotmail.com](mailto:renatabenia@hotmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Mestre em Educação, linha de pesquisa Comunicação e Educação, UNIT/SE; Especialista em Potenciais da Imagem, UFBA/BA; Professora e Coordenadora dos Cursos de Comunicação Social – Jornalismo e Publicidade e Propaganda, UNIT/SE; e-mail: [vbolini@oi.com.br](mailto:vbolini@oi.com.br) / [valeria\\_bonini@unit.br](mailto:valeria_bonini@unit.br)



Tal convívio denota consequências no tocante ao desenvolvimento de personalidade, “o indivíduo acredita ser o centro das atenções, onde a economia de mercado teria, como principal objetivo, a satisfação de seus desejos e necessidades” (SILVA, 1996, p.250). Ou seja, é evidente que tanto o mercado, a mídia e a própria sociedade a partir da apreensão do conteúdo e informações, tendem a estimular e criar, então, uma personalidade egocêntrica nos indivíduos, de maneira que este almeja por ser melhor que um ou outros. Em razão disso, seguem padrões, a fim de serem aceitos de certa forma em um cenário onde se adota uma eloquente necessidade de *status*, beleza, consumo, poder, e não apenas, as relações em si, e a percepção da mesma, ou ainda, a percepção acerca do mundo de um modo mais lúdico.

Desse modo, há de se considerar que qualquer que seja a percepção, esta é variável, uma vez que cada indivíduo pode vir a elaborar uma leitura diferente de uma mensagem em consequência dos seus valores enquanto culturais, e visão de mundo, dentre outros aspectos relevantes, de fato. Partindo desse pressuposto, Pais (1997) enxerga que:

Todos os processos semióticos são historicamente determinados e geograficamente delimitados, pois a ‘visão de mundo’ de uma comunidade sociocultural e linguística, bem como sua ideologia e sistema de valores, acha-se sempre em processo de (re) formulação e um constante processo de ‘vir a ser’ que paradoxalmente transmite a seus membros o sentido de estabilidade e continuidade, ou melhor, os processos culturais são apreendidos no convívio social, uma vez que as semióticas-objeto são particulares em cada sociedade (PAIS, 1997, p.222).

Para moldar essa visão, é interessante destacar as impressões de Goffman (1988) ao situar a relação da sociedade com atributos apontados:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontrados (GOFFMAN, 1988, p. 11-12).

Em outras palavras, as mudanças sociais contribuem para o fortalecimento de uma sociedade ‘cega’, uma sociedade que ofusca a experiência da percepção no que tange, principalmente, o visual. Embora o sujeito tenha a capacidade de ver, por vezes, ela não enxerga além do que é apresentado como representação visual. Não existe interesse em um olhar mais aprofundado, isto é, mais crítico, portanto, nem tampouco em interpretar o que vê. É possível dizer assim que as relações ocorrem de um modo



mais ‘raso’, imparcial, incompleto, não obstante estas serem unívocas. Assume-se um conceito do que pode ser considerado como belo, feio, agradável e ruim.

No contexto de busca de satisfação pessoal, modo de viver, conviver a partir das relações pessoais, e, especialmente, enxergar no que tange os valores estéticos, é proposto o filme “Ensaio Sobre a Cegueira”<sup>4</sup>. Na trama do filme retrata-se uma sociedade que acaba vivenciando, inusitadamente, uma estranha epidemia de cegueira, e ao passo disso, são exibidas as relações e lutas dos sujeitos frente ao problema, na medida em que não resistem a encará-los. Paralelo a tal ponto, se apresenta na trama o ser humano, que ao se tornar cego, imerge em uma luz, luz esta tão forte que o faz não enxergar nada além da imensidão branca. Nesse sentido, lança-se a ideia de que essa imensidão branca configura-se como uma aura do olhar, mas uma perspectiva e uma percepção, em sua substância. Percepção e perspectiva que são atribuídas com estremecimento àqueles sujeitos referenciados na trama. Implica dizer ainda que serve como clara ideia da questão do olhar baseado em padrões estéticos quando se evoca a problemática da falta de sensibilidade do olhar que vivenciam os personagens da trama.

Neste parâmetro, a trama revela uma inusitada epidemia, epidemia que não pode em sua essência ser explicada. Atinge a população da cidade de forma arrebatadora. Intrinsecamente se atribui a esta cegueira, o termo ‘cegueira branca’, uma vez que as pessoas atingidas quando acometidas pela doença passam a enxergar apenas uma espécie de claridade branca e leitosa. Nessa ótica, e em termos de indícios, a doença é percebida em primeiro caso em um homem que estava no trânsito, e no decorrer do tempo via se espalhando por todo o país. Os indivíduos, por sua vez, evidentemente são postos em quarentena, entretanto o serviço entregue pelo estado não é totalmente satisfatório, eficiente, e tende a falhar. Por falhar, os seres que sofrem com a epidemia adotam a postura de guerra, quase que literalmente, em fins de suprir suas necessidades básicas. Inerente a essa postura, assume-se um caráter considerado como irracional, muito pelo seu viés desesperador, de fato.

Na medida em que essa questão é evidenciada na trama, sugere então uma interpretação por meio de uma analogia do que é ser cego e poder enxergar, e do poder ver, mas não enxergar, de fato. Dessa maneira, se faz importante levantar apontamentos de cunho semiótico, especialmente, sob a égide de Santaella (2002); Barthes (1984); Pierce (1999), tendo em visão que estes sugerem observações e explicações a partir da

---

<sup>4</sup> Ensaio Sobre a Cegueira é uma obra fílmica do ano 2008, dirigido por Fernando Meirelles. O filme trata-se de uma adaptação da obra “Ensaio Sobre a Cegueira” de José Saramago.



interpretação dos signos, ou seja, da leitura de uma mensagem, de tudo aquilo que delinea e envereda ao processo de percepção do indivíduo, que, por conseguinte, pode ser bem sucedido em aspectos críticos, ou não, levando em consideração sua capacidade de raciocínio lógico para tal. É essa capacidade, e especialmente, esse repertório que o leva a obter uma personalidade mais crítica, uma vez que compreendem as mensagens, que as desvenda, o indivíduo já se encontra apto a não levantar observações prévias, imparciais e errôneas, por consequência.

Isso posto, sustentando-se dessa perspectiva do olhar, do ver, do perceber e do interpretar, se apoia esse estudo tendo como base a obra fílmica “Ensaio Sobre a Cegueira” com o objetivo de moldar uma discussão sobre o olhar do sujeito frente ao cenário repleto de princípios idealizados pela sociedade enquanto estéticos.

## **O OLHAR MEIO AO EFEITO ESTÉTICO**

Sustentado a ideia de uma suposta ‘cegueira branca’, e extrapolando o sentido de uma mera epidemia generalizada que abrange uma vasta população e/ou território, a obra fílmica “Ensaio sobre a Cegueira” propõe uma reflexão interessante acerca da humanidade e sua ‘cegueira’ no tocante ao seu modo de viver, olhar, conviver, dentre outros aspectos que dizem respeito à sociedade baseada em padrões, os quais muitas vezes são estéticos, de fato.

Tal obra fílmica trata da cegueira não como algo imerso relacionado à escuridão, mas ao contrário, a cegueira proposta no documentário sugere um significado entendido como simples; o ser humano ao se tornar cego mergulha em uma luz, luz esta tão forte que o impede de não enxergar nada além da imensidão branca. Pode ser curioso alcançar o entendimento de que além de a epidemia da cegueira se expandir de um modo inusitado, e ainda que esta cegueira, por sua vez, é um fator constante e já presente na sociedade.

Isto é, não se aborda no pressuposto de a sociedade ser literalmente cega, mas evidente se faz o fato de que a sociedade, sim, é cega, em razão de não conseguir ou de fingir não ver o que está próximo, quer seja referente aos aspectos visuais de fora do padrão imposto de beleza, quer seja referente aos aspectos sociais, quer seja referente aos aspectos propostos de costumes e poder aquisitivo, os quais, dentre outros, refletem na convivência, na percepção do olhar em suas vidas e em sua personalidade.

Pode-se afirmar que essa cegueira decorre em consequência da falta de um olhar mais crítico. Ou seja, a percepção fundamentada é posta ao desuso em razão de valores e ideais impostos de maneira estereotipada, ou ainda, pouco crítica, na sociedade. Existe uma necessidade de adquirir um olhar, mas não apenas se limitar ao ver. Santaella (2002) dissecou sobre essa questão ao explicar sobre o olhar referente ao exercício da fenomenologia baseado nos estudos de Pierce (1999):

Nossas interpretações vêm sempre muito depressa, sem nos dar tempo para simplesmente nos abirmos com certa singeleza para o que se apresenta. Essa candidez intelectual nos disponibiliza para as primeiras impressões tanto sensórias quanto abstratas que os fenômenos despertam em nós. (SANTAELLA, 2002, p.30).

Aqui convém apontar sobre como ocorre nossa interpretação. O primeiro instante frente ao conteúdo não diz respeito a uma capacidade interpretativa, nem tampouco, dizendo-se assim, racional. São presentes apenas sensações, impressões.

É nesse pressuposto que se destaca a importância de perceber o efeito estético que é produzido no consciente do sujeito, daquele que vê, lê, escuta ou sente algo. Seguindo disto, Santaella (2002), (partindo do estudo de fenomenologia de Pierce) sugere uma ampla e coesa observação acerca de, ao dizer que:

A primeiridade aparece em tudo que estiver relacionado com acaso, possibilidade, qualidade, sentimento, originalidade, liberdade, mônada. A secundidade está ligada às ideias de dependência, determinação, dualidade, ação e reação, aqui e agora, conflito, surpresa, dúvida. A terceiridade diz respeito à generalidade, continuidade, crescimento, inteligência (SANTAELLA, 2002, p. 7).

Dessa maneira, quando falamos nesse nível interpretativo, falamos da primeiridade, secundidade e terceiridade, segundo Santaella (2002). Há níveis de interpretação, dentre eles, o primeiro instante em nível de processo interpretativo, entende-se como primeiridade, o contato sentimental com o objeto. Ao passo em que o segundo instante designa-se enquanto secundidade; o processo energético que levará à interpretação racional, e por fim, a terceiridade que sugere finalmente ao raciocínio, à postura crítica em termos de dissecação de uma representação visual.

Ou seja, o processo de interpretação acontece em tais níveis, os quais nos remetem às categorias de signo; ícone, índice e símbolo. Ou ainda, a partir destes, no que se referem a sua interpretação, nos leva aos níveis de interpretante, sendo eles, imediato e dinâmico. No caso em questão, o olhar em meio a princípios estéticos, tem-



se em realce, o efeito imediato, ou seja, de nível emocional, pois o sujeito projeta algo em sua mente, mas, nem sempre tende a acionar uma atividade lógica, isto é, interpretar.

Analisando o que se projeta a partir do contato com o signo em questão é puramente uma possibilidade qualitativa, um qualisigno, portanto. Não há direcionamento para um interpretante energético ou lógico, mas sim emocional. Santaella (2002) entende por quali-signo uma qualidade sígnica imediata, ou seja, é uma espécie pré-signo.

É nessa esfera de discussão que se torna possível entender específica sociedade retratada no filme “Ensaio Sobre a Cegueira”, frente a padrões estéticos, da qual tende a se limitar quando se pensa em uma prática de leitura mais crítica, sobretudo, visual. Não obstante a este apontamento, cabe ressaltar que a sociedade (independente do contexto sociocultural), não nasce com tal personalidade, posto que o egocentrismo, bem como, a falta de sensibilidade, e ainda as avaliações superficiais e oblíquas são despertadas num contexto sociocultural em função de padrões imagéticos impostos e saturados em nível de representação visual da massa.

## **AS IMAGENS ENQUANTO ASPECTO INFLUENTE NA PERCEPÇÃO**

É de fácil entendimento que a experiência visual é uma das formas de conhecimento do mundo, a qual, o ser humano obtém através da educação do olhar, e, por conseguinte, da assimilação e compreensão de seus significados. Uma vez presente essa prática, o indivíduo pode vir a ter uma percepção mais enriquecida, portanto, mais crítica. Esse ato de ver é explicitado e ressaltado enquanto sua relevância por Joly (1996):

A imagem mental corresponde à impressão que temos quando, por exemplo, lemos ou ouvimos a descrição de um lugar, de vê-lo quase como se estivéssemos lá. Uma representação mental é elaborada de maneira quase alucinatória, e parece tomar emprestadas suas características de visão (JOLY, 1996, p. 19).

De tal maneira, essa ideia acolhe a relação do que ‘está na imagem’, e do que se ‘vê’, isto é, da representação em si, e do seu poder de visibilidade ao olhar do receptor. Ou seja, toda imagem indica algo, cabe ao leitor visual apreendê-la a seu gosto e repertório. Suas interpretações surgem de acordo com sua experiência lógica, visual e,



por conseguinte, crítica a partir do contexto do objeto. Para tal, no tocante à imagem e sua representação, Joly (1996) ainda pontua como:

Algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece (JOLY, 1996, p. 13).

Se por um lado, a construção do significado da imagem depende do leitor, por outro, ela sugere suas especificidades no sentido de abordar conceitos e ideias a partir de sensações, bem como por indícios por associação de similaridade. Fato que se explica por uma espécie de olhar, a partir do objeto imediato levando em conta a interpretação de sin-signos:

A segunda espécie de olhar é aquela que leva em consideração apenas o aspecto existente de um signo, isto é, o sin-signo. Neste caso, o objeto imediato é a materialidade do signo como parte do universo a que o signo existencialmente pertence. Aqui, o objeto imediato aparece como parte de um outro existente, a saber, o objeto dinâmico que está fora dele (SANTAELLA, 2002, p. 34).

Levando em conta essa ideia, as mensagens, especialmente, as visuais transmitem ao leitor, e ainda, o permite criar cadeias de relações. O repertório contribui fielmente com essa atividade energética, emocional e lógica. Principalmente, emocional e energética, já que se leva em conta, nesse estudo, o olhar como aspecto influenciador a partir da estética.

Vale lembrar que a fotografia enquanto conteúdo imagético também participa desse contexto, muito por ser um sinsigno indicial que sugere referências partindo da realidade, tal como ela é, ainda que não fielmente, mas aborda o que entendemos como existente e presente em determinado contexto.

Entretanto, diferente da posição de conceitos no sentido de repertório e de como ocorre à interpretação dos signos, Barthes (1984), em sua obra “A Câmara Clara”, rejeita todo o repertório conceitual, ao abordar a imagem fotográfica como ponto pertencente às sensações, cujas surgem diante as experiências do espectador. Os estudos de Barthes (1984), embora rejeite princípios baseados em normas de sistemas com conceitos firmados a fim de explicar a subjetividade, aborda uma perspectiva intelectual, que, no entanto, também se nota como sentimental. Emite sinais claros para justificar tal esclarecimento, e o porquê é claro, fala-se de sentidos, os quais sendo sensoriais, claramente, denotam a sensações que, por conseguinte remota aos



sentimentos dos indivíduos, independente do tipo de raciocínio, caso observe-se as teorias piercianas. Isto é, existe uma participação dos sentidos, que conduz a uma visão mais crítica e, quem dirá também ‘poética’. É importante o indivíduo tornar sua capacidade interpretativa e visual mais sofisticada, aprimorada.

Cabe finalmente traçar o raciocínio da importância de compreender que a associação dos padrões estéticos no imaginário e na mudança de comportamento da sociedade se dá pela sustentação de um ideal pensado numa perspectiva coletiva. Para desconsiderar esses ideais é preciso entender primeiro tal movimento estético e assumir uma postura crítica frente a este. Além disto, os exercícios da imaginação, do juízo moral e estético colaboram com a postura crítica, muito porque permite a sociedade entrar em fusão para um direcionamento mais crítico do que ela vê.

Nessa ótica proposta visando a posição de caráter das personagens ilustradas na obra fílmica “Ensaio Sobre a Cegueira” que lutam pela sobrevivência, é evocada e lançada à percepção para o espectador sobre como se retrata a sociedade. Não somente no que tange seus anseios pela cura, mas como o seu comportamento considerado irracional e alarmante, desesperador, reflete suas personalidades. A perda de um dos sentidos já se sente dolorosamente por um indivíduo (pela perspectiva isolada), quiçá a perda de vários sentidos, e quando esta engloba uma sociedade. Em linhas curtas, “Ensaio sobre a Cegueira” é uma crítica sobre a sociedade que em virtude das delimitações e perdas em um mundo caótico.

## **ABORDAGEM REFERENCIAL À TRANSFORMAÇÃO DE PERSONALIDADE A PARTIR DOS CONCEITOS ESTÉTICOS**

Para ilustrar essa assertiva influência dos conceitos estéticos na sociedade, se faz necessário, a priori, adotar uma noção do significado do termo estética, uma vez que a estética sempre foi e até em tempos contemporâneos, é um caráter que conduz comportamentos e pensamentos. Como pontua Santaella (2002), a estética se assume em um campo como um ideal, um ideal que é projetado e desperta o ditame de ser alcançado, é em substância, uma espécie de bem supremo pelo qual a sensibilidade humana é conduzida. Paralelo a tal visão elucidada, Pierce (1999), defende a estética como algo que se pode considerar como admirável, algo que, sobretudo chame atenção pela sua representação, mas que de uma maneira positiva, na medida em que a sensibilidade humana seja afetada positivamente.



A partir das lógicas evocadas acerca da estética, é possível ajuizar então, que a estética implica em transformações visíveis na sociedade, uma vez que dita padrões a partir de julgamentos do que pode ser agradável ou não enquanto termos de imagens, especialmente. Ao passo disto, o ser humano tende a consumir essa ideia, e, por conseguinte, levar princípios de comportamento baseando-se nestes padrões estéticos. Ao mesmo tempo, as consequências ocorrem pelo almejo de ser representado de tal maneira que se considere aceitável em determinados grupos, sem levar consigo seus ideais e valores próprios.

Argan (1999) salienta que

A estética idealista chama de juízo estético aquilo que as poéticas empiristas chamavam jocosamente de prazer: é aquela espécie de trauma psíquico que se determina num sujeito quando ele entra em contato com um objeto artístico (ARGAN, 1999, p.26).

Portanto, qualquer que seja o indivíduo, este quer se espelhar em algo, a fim de que possa se sentir inserido em específico grupo, ser notado e regozijar de um prazer de fazer parte de um coletivo que a todo tempo querem provar, seja por poses ou aparências, que podem se sobressair em relação aos outros. Assim sendo, é notório que a imagem, sobretudo, a de massa, na qual esta se insere, evidentemente, são fatores de grande influência na formação de personalidade, atitudes e gostos de uma sociedade. Idealizadas, por vezes como controladoras, porquanto.

Motta (2012) fornece - a partir da visão de Barthes em “A Câmara Clara” - um valioso apontamento sobre o olhar em função da estética ao revelar que há

Um pensar estético numa concepção do termo grego vindo de um verbo traduzido por sentir, ou seja, uma ciência que considera o bonito com uma percepção confusa ou um sentimento. Numa compreensão mais livre, a estética como aquilo que passa pelo corpo, que provoca fruição (gozo) (MOTTA, 2012, p.6).

Nessa linha de reflexão, abraçando a contextualização do olhar na obra fílmica “Ensaio sobre a Cegueira”, é possível atribuir um raciocínio de que o indivíduo pode se apresentar enquanto um sujeito ‘cego’, e que, a partir desta forma, desta condição, pode, enfim, realmente enxergar as coisas em sua volta tais como elas são, eliminando qualquer visão estereotipada. Assim, ao fazê-lo, o indivíduo estará enxergando além das aparências, além das representações pré-moldadas, sua visão será despreziosa e mais sensível, mais crítica. Um exercício a ser feito, bem como a ser detectado sua importância e necessidade. Trabalhar a questão do olhar requer uma sensibilidade e



desapropriação de modelos propostos pela sociedade, é preciso entender profundamente os significados que as imagens repelem, e principalmente, adotar uma postura de receptividade íntima maior com os objetos visuais.

Sgarbi (2006) traça a reflexão de que

O homem, imerso no contexto social, dotado da capacidade de raciocínio, faz cultura, escreve a história e cria linguagens. Essas linguagens podem ser pensadas como estruturas organizadas por figuras que servem de instrumento comunicativo, sejam elas estruturas verbais ou não-verbais (SGARBI, 2006, p.1).

Por conseguinte a essa ideia, é fato que os sentidos sensoriais são de extrema importância, enquanto alicerce da sobrevivência humana, especialmente o visual. O sujeito busca conhecer seu mundo pela visão, pelas imagens que o rodeia, é em sua intrínseca essência um indivíduo curioso. Na abordagem fílmica essa perspectiva é desenrolada e objetivada, e o porquê se apoia na ideia projetada a partir das situações enfrentadas, não se imagina a situação na qual toda a sociedade perde um dos seus sentidos, especialmente quando este está totalmente ligado ao que se vive constantemente. No caso dos indivíduos apresentados no filme; a principal premissa destes usa a busca da aparência perfeita, assim como da física, da profissional etc. Um dos objetivos do filme se concentra na ideia de ilustrar um procedimento social que nunca deixou de existir, que é a estigmatização de grupos. E mais, atenta ao telespectador sobre como o medo de ficar realmente cegos fundamenta-se na ideia de que o sujeito deve pensar melhor, e sair da condição de fingimento de ‘cegueira’ para muitas coisas da vida em que se situa.

Entretanto, não obstante o eixo caótico vivenciado e representado pela sociedade na trama é importante frisar que o que predomina como consequência de tal feito, é uma sociedade frágil, uma sociedade estremecida, uma sociedade sem sensibilidade, mas de forma mais triste ainda, uma sociedade sem leis, na qual cada um pretende tirar proveito de outro de tal maneira a levar vantagem, muito porque têm por almejo serem melhores que uns, e ainda, serem notadas, serem importantes. Baseadas em princípios estéticos.

Não existe apenas a cegueira moral retratada no filme, mas envereda para a problemática da cegueira estética. A obra usa de simbolismos com muita propriedade, e para, além disto, também possui uma linguagem metafórica. A obra abre espaços, principalmente, para que o espectador reflita que não se vale tentar entender de onde



vem a doença, mas como pode se curá-la e o que ela tenta comunicar como aviso em questão de uma avaliação de comportamento. Vale-se atentar, nesse caso, que o filme se preocupa, sobretudo no que tange aspectos contemplativos e reflexivos, ilustrar e conduzir o leitor a entender o comportamento humano, na medida em que destrincha as situações no decorrer da trama comportando sentimentos de medo, fúria, alegria, sentimentos bons ou ruins, ambos em decorrência da cegueira dos sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo propôs levantar questões e abordar de modo mais crítico a estética enquanto influência no olhar de uma sociedade, a qual se firma nesses princípios, independente do meio. Em suma, o ser humano sente necessidade, por vezes, de ser guiado por ideais estéticos, visto que por meio destes, ele obtém satisfação pessoal a partir do aceitação social. Diante de tal feito, espelhando-se na premissa da obra fílmica “Ensaio Sobre a Cegueira”, apontaram-se tais referentes questões envolvidas neste contexto.

Assim, considerando-se como importância, nesse trabalho, e dentro dos limites, foi possível referendar uma análise a respeito da premissa apresentada a partir de uma suposta ‘cegueira’ abordada no filme. Também se torna relevante observar o embasamento teórico a partir de estudos de Pierce (1999); Santaella (2002) e Barthes (1984), pois são de fundamental valor para a compreensão do estudo relacionado, bem como a temática proposta.

Em linhas gerais, pode-se admitir um entendimento de que enquanto o ser humano não recusar os padrões, os modelos de comportamento, os modelos de imagens impostos pela massa, este não poderá enxergar de fato. Questiona-se aqui se é preciso ficar cego para de fato enxergar o mundo tal como ele é? Para enxergar a realidade e a verdadeira personalidade das pessoas? Para se enxergar enquanto ser humano? Andrade (2002 apud Sócrates, 1987), revela que “A cegueira é a perda do olho da mente.” (p.25).

Pode-se traçar a ideia de que embora seja uma tarefa a ser trabalhada em meio a uma sociedade com distintos valores e ideais, na qual, por vezes, leva-se em relevância as aparências e *status*, esquecendo-se assim a verdadeira essência de se viver e relacionar com os outros. Partindo disto, na experiência de Barthes (1984):

O que caracteriza as sociedades ditas avançadas é que hoje essas sociedades consomem imagens e não crenças, como as do passado; são, portanto, mais liberais, menos fanáticas, mas também mais "falsas" (menos "autênticas") (BARTHES, 1984, p.174).

A sociedade, não somente no que se refere à contemporânea sempre foi influenciada, de certa forma, pelos meios. Meios esses que propagam padrões e atingem a sociedade em relação ao modo de viver, costumes e gostos. É de uma característica proeminente o indivíduo entender que padrões estéticos não dizem respeito à qualidade pessoal. O belo para um pode ser feio para outros, e vice-versa. No entanto, o que ocorre, poder-se-ia afirmar, é uma constante luta por aceitação e exibição. Os indivíduos almejam em ascender em determinado grupo, e para tanto, acabam seguindo tendências a fim de serem notadas, mas acabando esquecendo elas de suas particularidades e personalidade crítica.

A cultura do narcisismo está presente na sociedade no valor que os indivíduos depositam nos produtos anunciados pela mídia e nos atributos do culto ao corpo, uma das regras contemporâneas no espetáculo. Corpos esteticamente perfeitos, modelos de uma beleza padronizada estão presentes em toda parte. As revistas que têm como tema central beleza e comportamento se tornam um manual que dita regras de beleza a serem seguidas para alcançar supostamente a felicidade e satisfação, que não tem fim, na sociedade da abundância (VISCARDI, 2012, p.7).

Pode-se notar que há uma espécie de refutação ao que é feio, ao que é diferente, mas não se visualiza a humanidade com um olhar crítico, nem tampouco pelo seu comportamento, e suas consequências de tal personalidade. O diferente, o feio ou o desagradável, partem do olhar de quem vê. Alguém ser 'cega' e ofuscar tudo o que vê apenas selecionando o que julga ser bonito ou feio se firmando em princípios estéticos e pretensões, é um tanto quanto rude e um sintoma seríssimo de 'cegueira'. Uma cegueira visual, uma cegueira visual em termos de interpretar imagens, cuidar da interpretação que é feita das imagens, de se relacionar intimamente com as imagens.

Olhar para o mundo é uma condição; compreendê-lo por meio desse olhar é uma busca eterna, instigante e fascinante. Fascinante porque é pela contemplação da beleza do mundo que nos encantamos e nos apaixonamos. Instigante porque a vontade de mergulhar em seu desconhecido pode nos levar ao diferente e transformar o que estamos viciados a enxergar (ANDRADE, 2002, p.114).

Andrade (2002) conta que o olhar nos transforma. Pode-se dizer que o olhar contribui para a libertação da mente do indivíduo, uma vez que o olhar está



intrinsecamente ligado ao exercício da imaginação, do juízo moral e do juízo estético. Já Joly (1996) esclarece que ao modificar o nosso olhar, nos aproximamos com os objetos ao nosso redor, mas também, e por isso mesmo, nos aproximamos com o nosso mundo, no permitimos enxergar além do que é apresentado. Logo, o exercício da interpretação, da relação crítica com o objeto abre caminho também para o prazer, assim como discute Argan (1999) ao explicar que a estética idealista caracteriza o juízo estético como um prazer. Esse prazer com o objeto, portanto, é relacionado à sensibilidade do observador. Assim pode-se ter uma visão mais clara e ampla das coisas ao redor.

Logo, é interessante treinar o olhar, se reeducar, ou, educar-se visualmente para não cair em julgamentos prévios sem embasamento crítico. A estética, segundo Santaella (1994) derivada do grego *aisthesis* contribui para as noções do que é belo, do que é agradável, e do que deve ser entendido e desejado por uma determinada cultura marcado num contexto histórico. Para além dos princípios desenhados por determinada estética em determinado período histórico, é preciso abrir os olhos para enxergar. A sensibilidade, a postura crítica, conhecer imagens, entender como elas se apresentam o que elas realmente querem contar, o que as envolve, é de eminente importância, sobretudo, é uma atividade fascinante ao sujeito, o enriquece, o torna mais crítico. Uma vez que o faça, se desenvolve enquanto pessoa, enquanto telespectador, enquanto receptor. Não estar cego, é se permitir abrir os olhos – com sensibilidade inerente - a enxergar o mundo que é repleto de imagens, não como ele se apresenta, mas adentrar nele, desvendá-lo, entendê-lo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade** / Giulio Carlo Argan; tradução Pier Luigi Cabra. – 4.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998. – (Coleção a).

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara. Nota sobre A Fotografia**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

**ENSAIO** sobre a cegueira. Direção: Fernando Meirelles. Produção: Niv Fichman. Roteiro: Don McKellar. São Paulo: 02 Filmes, 2008. 121min, Color.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.



JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus Editora, 1996.

MOTTA, Leda. **Roland Barthes em A câmara clara, o semiólogo infiel**. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/48056/51818>>. Acesso em: 11 mai 2014.

PAIS, Cidmar. In Simpósio; **Sociosemiótica e semiótica das culturas**: das modalidades. Fortaleza: UFCE, 1997.

PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Estética: de Platão a Pierce**. São Paulo: Experimento, 1994. 224 p.; 21 cm. ISBN 85-85597-06-2. Disponível em: <[http://hrenatoh.net/curso/textos/1\\_intro\\_estetica.pdf](http://hrenatoh.net/curso/textos/1_intro_estetica.pdf)> Acesso em: 11 mai 2014

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Thomson, 2002.

SGARBI, Nara. **O olhar semiótico para entender o mundo**. Disponível em: <[http://www.interletras.com.br/ed\\_anteriores/n5/arquivos/v5/Nara\\_O\\_OLHAR\\_SEMIOTICO3definitivo.pdf](http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n5/arquivos/v5/Nara_O_OLHAR_SEMIOTICO3definitivo.pdf)>. Acesso em: 14 mai 14.

SILVA, Ana Márcia. **Das práticas corporais ou porque “narciso” se exercita**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 17, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/.../855/509>>. Acesso em: 11 mai 14.

VISCARDI, Adriana. **Narcisismo na sociedade do espetáculo**: consumo e beleza feminina nas capas da revista Claudia. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/3580529/narcisismo-na-sociedade-do-espetaculo.pdf>>. Acesso em: 11 mai 14.